

Sexta-feira, 15 de abril de 1988

Economia - Brasil A necessidade de combater o excesso de pessimismo

Os dados são ainda esparsos e não se pode dizer que refletem uma tendência, mas há indícios de que a diminuição que se verificava na atividade industrial, desde o ano passado, pode ter chegado ao fim, dando início a uma fase de estabilização ou até mesmo de recuperação. Noticiou-se ontem, por exemplo, que o Departamento de Economia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) constatou diversas melhoras nos indicadores que levanta mensalmente. Em fevereiro, segundo a entidade, houve avanços na utilização da capacidade instalada, no número de horas trabalhadas na produção e no consumo de energia elétrica, entre outros índices, levando o número-síntese, o Indicador de Nível de Atividades, a ter sua queda reduzida de 5,5% em janeiro para 3,9% em comparação com os mesmos meses do ano passado.

Outros dados, divulgados anteriormente, indicam que o desempenho favorável constatado pela FIESP para toda a indústria, em fevereiro, repetiu-se em mar-

ço em importantes segmentos. A produção nacional de aço bruto, segundo o Instituto Brasileiro de Siderurgia (IBS), cresceu 22,6% em relação a março de 1987. As vendas de eletrodomésticos portáteis, de acordo com dados preliminares da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee), aumentaram nada menos de 58% em volume físico, em relação a fevereiro, subindo de 735 mil para 1,2 milhão de unidades. E as vendas de veículos no mercado interno, segundo a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), ao totalizarem 62.154 unidades no mês, alcançaram um surpreendente crescimento de 18,7% sobre fevereiro e de 63,3% em relação a março de 1987.

A recuperação dos salários reais, propiciada pela reposição da inflação passada nos acordos coletivos negociados desde fins do ano passado, e mantida pela aplicação do mecanismo da URp, constitui certamente uma explicação, talvez a principal, para esse reaquecimento de vendas. Pa-

rece também que a indústria, a despeito dos rumores de um novo congelamento de preços que hoje, felizmente, estão afastados, foi levada a praticar uma política de relativa compressão de margens, absorvendo parte dos custos para não agravar ainda mais a retração de vendas. Isso se evidencia, por exemplo, na redução de 19,7% no total das vendas reais do setor em fevereiro, segundo a FIESP, um dado que, confrontado com a queda de apenas 3,9% do Indicador de Nível de Atividades, não pode ser explicado apenas pelo aumento de estocagem do produto fabricado.

Se considerarmos, além disso, que a agricultura deverá registrar um novo avanço no valor real de sua produção e que as exportações se comportam muito bem, não será um exagero prever que a economia brasileira apresentará uma taxa positiva no fim deste ano, ao contrário do que se podia supor ainda recentemente. É preciso, pois, que estejamos atentos à evolução do quadro nos próximos meses, porque, como a experiência nos ensi-

na, empresas que não se preparam adequadamente para a retomada dos negócios podem sofrer prejuízos até maiores do que quando são surpreendidas pelo desaquecimento, sobretudo pela perda de posições de mercado.

Repetindo o que dissemos no início deste comentário, os dados são ainda esparsos e não se pode confiar demais neles, mas é inegável que algo mudou no cenário atual. No mínimo, temos de admitir que, se nada autoriza por enquanto a expectativa de uma recuperação mais firme das atividades econômicas, também nada existe em sentido contrário. Por isso, a nosso ver, é preciso deixar de lado um pouco desse pessimismo que vem caracterizando a atitude dos agentes econômicos ultimamente. O governo, antes tarde do que nunca, começa a ajustar suas contas, e um acordo amplo com os credores está para sair. Com um pouco mais de confiança, todos podemos ajudar a reerguer a economia, porque, afinal, essa não é uma tarefa apenas do governo.